

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT05.010

IDEIAS DE CANÁRIO: UMA ANÁLISE ECOCRÍTICA DA ADAPTAÇÃO ILUSTRADA DO CONTO DE MACHADO DE ASSIS

ANNA PAULA AIRES DE SOUZA

Mestra pela Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, paulaaires1@gmail.com;

RESUMO

Nossa pesquisa tem como objetivo analisar o livro *Ideias de Canário* (2016), que, em sua trama, um cientista, especificamente, um ornitólogo chamado Macedo ao ir a uma loja de venda de objetos antigos encontra um canário cuja habilidade é falar. A partir dessa aquisição a narrativa se desenvolve com a ida do canário para casa de Macedo e, posteriormente, seu sumiço. O livro é uma adaptação do conto de Machado de Assis, que por meio da associação às ilustrações acaba por associar-se ao público infanto-juvenil, com ilustrações de Luana Geiger. A adaptação atua a partir de um ponto de vista ecocrítico, colocando em destaque o respeito aos animais e a sua dignidade. Para tanto, como referencial teórico nos pautamos nos estudos do pesquisador da área Nussbaum (2006) bem como das leis que regem o direito animal, fomentando assim nossa discussão e ampliando o campo discussão acerca da temática abordada. Para tanto, analisamos a relação entre a narrativa escrita e visual e como uma complementa a outra na construção de sentidos. Dessa forma, chegamos a concluir que o homem percebe o animal não-racional como um ser que está a sua disposição, como um objeto, desprovendo-o de sua dignidade, principalmente no que tange o direito à liberdade.

Palavras-chave: Ecocrítica, Dignidade animal, Machado de Assis, *Ideias de Canário*

INTRODUÇÃO

O conto *Ideias de Canário*, escrito por Machado de Assis e publicado pela editora Mundial, mantém sua estrutura fabular, no entanto é acrescentado a essa edição (objeto de nosso estudo) um formato que privilegia a associação do texto com as ilustrações de Luana Geiger.

Em sua trama o cientista, especificamente, um ornitólogo chamado Macedo ao ir a uma loja de venda de objetos antigos encontra um canário cuja habilidade é falar. A partir dessa aquisição a narrativa se desenvolve com a ida do canário para casa de Macedo e, posteriormente, seu sumiço.

Considerando que *Ideias de Canário* apesar de publicado pela primeira vez em 1839, ainda possui uma abordagem atual em sua relação com a natureza e, em específico, com o mundo animal, seu estudo a partir dessa perspectiva torna-se válido. Por sua vez, a versão ilustrada adotada para essa pesquisa corrobora e alicerça essa atualidade, permitindo por meio das imagens e do uso das cores um jogo em que se enfatizam determinados aspectos em detrimento de outros dentro da narrativa com o objetivo de focar naquilo que é mais relevante dentro da diegese.

Ainda que um conto conhecido e, portanto, estudado, a abordagem a partir da ecocrítica para esse conto é algo inovador, considerando que partindo do princípio de que “[...] a natureza sempre esteve presente na literatura desde os primeiros registros literários encontrados” (BRAGA, 2012, p. 39), ela nem sempre teve o destaque merecido nos estudos da crítica literária.

Dessa forma David Harvey (2000), salienta que a literatura deve ser percebida como uma forma de autoconhecimento, tendo em vista que propõe – se pensarmos na perspectiva ecocrítica – uma discussão entre os lugares em que estão à narrativa e o sujeito. Riocni, Gonçalves (2017, p.28), afirma que “a função ambiental da literatura emerge já que esta, muitas vezes, contribui para a manutenção ou questionamento de demandas e práticas antropocêntricas do sujeito contemporâneo frente ao espaço por ele ocupado”.

Para tanto, nos propomos analisar a narrativa em questão percebendo o canário como o elemento motivador de toda essa temática - funcionando como metáfora para o acesso ao conhecimento se, por exemplo, o compararmos com a Alegoria da Caverna de Platão – e evidenciando a questão ambiental motivada pelo aprisionamento do pássaro tanto na gaiola da loja de belchior como na casa do ornitólogo.

UMA ANÁLISE ECCRÍTICA DAS IDEIAS DE CANÁRIO

Uma das grandes problemáticas que perpassa a questão animal é a forma como eles são percebidos pelo homem. Nussbaum (2006), afirma que o entendimento do termo dignidade, não engloba os animais não racionais, relativizando a ética e a existência animal a uma subordinação ao homem. As próprias leis demonstram essa subordinação do animal relacionado ao homem (aqui entendido como animal racional):

A visão aristotélica de uma hierarquia da vida penetrou de forma tão densa no pensamento ocidental que o mundo do Direito se contaminou com a ideia de que os animais teriam uma natureza jurídica diferente da dos humanos. [...] A maior parte das leis trabalha com esse paradigma, visando à proteção à fauna para o benefício humano. Até o principal dispositivo de proteção ambiental da Constituição Federal, o art. 225, é interpretado dessa forma por considerar o meio ambiente e, por extensão, os animais, um bem de uso comum do povo (LOURENÇO, 2012, [n.p.]).

Todavia, para defender sua tese acerca da dignidade dos animais não racionais, Nussbaum confronta com as ideias de Kant que considera a dignidade um atributo apenas àqueles que possuem racionalidade. Para tanto, defende que os animais irracionais bem como os humanos devem ter direito a uma existência pautada na dignidade, isto é, por meio da inclusão deles como objetos de debates e práticas sociais, garantindo oportunidades de alimentação e prática de atividades físicas, liberdade para portar-se como os de sua espécie, preservação da dor, poderio de interação com seres de sua espécie e de outras etc. Marashin corrobora a ideia defendida por Nussbaum afirmando que:

Não são todos os direitos dos seres humanos que devem fazer parte do rol dos direitos dos animais. O homem, por ser dotado de razão, tem direito à educação; já o animal, forçá-lo ao aprendizado pode caracterizar, e muitas vezes assim o é, dependendo dos métodos utilizados, maus tratos e abuso. Por exemplo, o “adestramento” dos animais para atuarem nos circos quase sempre faz uso de métodos cruéis. Há uma base mínima de direitos inerentes a todos os seres vivos: direito de viver, direito à liberdade, direito de se alimentar, de saciar a sede, de proteger-se do frio, de perpetuar a espécie, de não sofrer violência ou crueldades (MARASHIN, 2018, [n.p.]).

Dessa forma, subentende-se que todos os seres são únicos, logo deveriam possuir direitos que contemplassem essa individualidade podendo dessa forma atingir um mínimo de dignidade (NUSSBAUM, 2006).

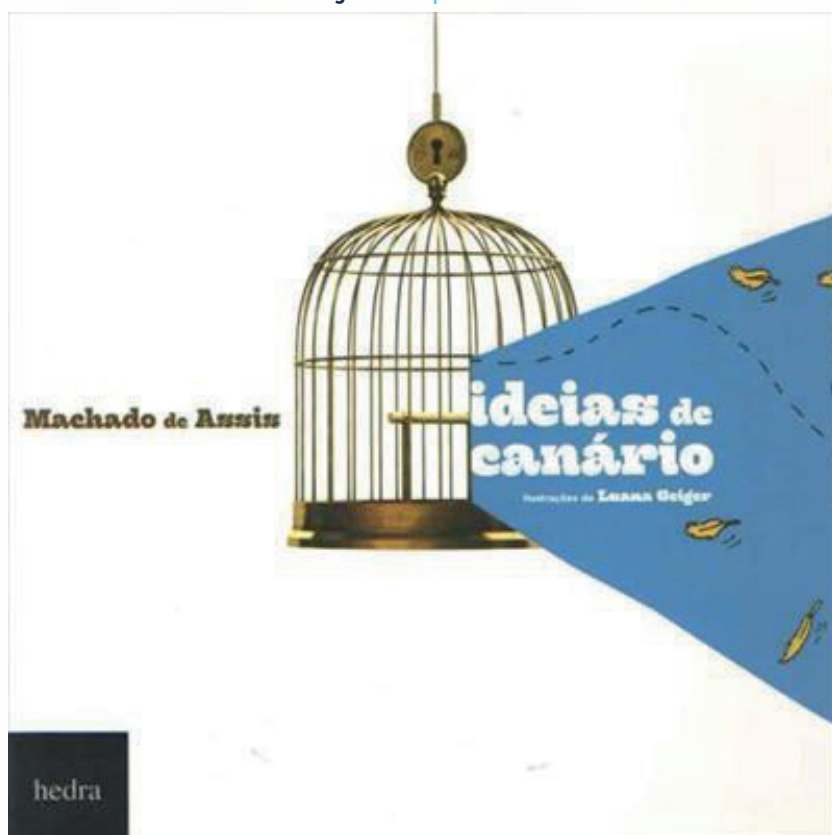
As capacidades centrais da dignidade aplicáveis aos animais são as seguintes:

- a. Vida – os seres devem ser capazes de viver até o fim de uma vida e plenamente, e preteridos a uma morte prematura;
- b. Saúde corporal – os seres devem ser capazes de ter uma boa vida, que inclui saúde reprodutiva, nutrição e abrigo, mas não se limitam a isso;
- c. Integridade física – os seres devem ser capazes de mudar de local livremente e de ter soberania sobre o próprio corpo, que inclui ser protegido contra agressões de qualquer natureza (*por exemplo, agressão sexual, abuso sexual de crianças, violência doméstica e a oportunidade de ter satisfação sexual*).
- d. Emoções – os seres devem ser capazes de ter ligações com coisas que estão fora de si mesmos, de amar, de ter luto, ter raiva, todos justificáveis.
- e. Razão prática – os seres devem ter a capacidade de formar concepções sobre si mesmos e sobre o bem e de escolher como preferem viver sua vida;
- f. Afiliação
 - a. Os seres devem ser capazes de viver e mostrar preocupação com os outros, de ter empatia e capacidade de justiça e de amizade. Portanto, as instituições devem ajudar a desenvolver e a proteger as formas de filiados.
 - b. Os seres devem ser capazes de ter autorrespeito e de não se deixar humilhar por outros, ou seja, ser tratados com dignidade e igual valor. Isso implica proteção contra qualquer tipo de discriminação.
- g. Outras espécies – os seres devem ser capazes de se preocupar e de viver com outros animais, plantas e o ambiente em geral.
- h. Diversão – os seres devem poder rir, brincar e desfrutar de atividades recreativas.
- i. Controle sobre o próprio ambiente
 - a. Política – Capaz de participar efetivamente da vida política, o que inclui ter o direito de liberdade de expressão e de associação.
 - b. Relevante – Capaz de ter propriedade, não apenas formalmente, mas materialmente (ou seja, como uma oportunidade real). Além disso, deve ter a capacidade de procurar emprego em igualdade

de condições, como outros, e a liberdade da busca injustificada e apreensão (BORA, 2017, 337-338)

Na narrativa de Machado de Assis, conseguimos perceber por meio da personificação do canário essa falta de dignidade inicial, no sentido de estar privado de direitos básicos como a liberdade tanto na loja como, posteriormente, na casa do ornitólogo. Sendo assim, o livro *Ideias de Canário*, elaborado a partir do conto homônimo já propõe em sua capa uma leitura diferente, como podemos notar na imagem abaixo.

Figura 1: Capa do livro



Fonte: Livro *Ideias de Canário*

Na capa do livro, vemos a imagem de uma gaiola pela qual sai o título da narrativa destacado em um pano de fundo azul, com algumas penas amarelas que supostamente pertencem ao canário, no entanto o que isso pode significar?

Podemos remeter essa imagem à abertura para novos horizontes, proposta no Mito da Caverna – uma leitura, inúmeras vezes, associada como inspiração para conto de Machado de Assis. Entretanto, essa visão saída da gaiola seria, ainda, limitada, inferindo pelo restante da paisagem branca que está fora do campo de visão. Siqueira (2009, p.71) salienta que o relato mítico sempre aparece nas exposições platônicas com objetivos didáticos e continua afirmando acerca do Mito da Caverna que:

[...] no livro VII da República, após fazer seus discípulos visualizarem a história do prisioneiro que se liberta da caverna e contempla o mundo exterior, Sócrates, dirigindo-se a um deles, Glauco, deixa clara a relação analógica entre o mito e a discussão propriamente filosófica.

No decorrer da leitura do livro, percebemos que essa abertura para novas perspectivas evidencia uma questão acerca dos direitos dos animais, em específico, do direito à liberdade. Logo no início do conto, o canário é encontrado pelo ornitólogo em uma loja de Belchior, preso em uma gaiola. A loja é descrita por Macedo como escura e cheia de coisas velhas, todavia no momento que ia sair dali deparou-se como uma gaiola que estava pendurada na porta. A maioria das imagens que ilustram o conto encontram-se desprovidas de cor, porém o canário que estava dentro da gaiola avistada por Macedo, era amarelo, o que somado a narrativa sinaliza para um ponto importante dentro do texto.

Cabe destacar ainda que ao observar a imagem abaixo é notável que a maioria dos objetos ressaltados por meio das cores possuem alguma relação com a natureza, tais como as flores, as verduras na cesta da mulher que passa a porta, o horizonte azul e o próprio canário. Além disso, outro elemento encontra-se colorido, o tapete de entrada da loja, talvez como uma forma de persuadir os passantes a darem uma espiadinha naquele local que o próprio narrador define como desprovido de sentido, de vida, cheia de coisas sem utilidade, em que o próprio dono ressonante aparenta desinteresse. No final do livro há um pequeno resumo sobre a ilustradora e a percepção dela acerca desse uso de cores associada ao conto:

Desde sua primeira leitura do conto Ideias de Canário imaginou essas ilustrações. Seria uma ótima oportunidade para trabalhar com as crianças a ideia de um ponto de vista relativo: as cores só pontuam detalhes, o que mostra como nossa percepção da realidade é frágil e distorcida, assim como no conto de Machado de Assis (ASSIS, 2016, p.40).

Dessa forma, reiteramos que a sinalização de cores em apenas alguns aspectos da figura possui um efeito de enfatizar determinados pontos da narrativa: os que têm vida. O azul evidenciando a grandeza do mundo exterior a loja, o tapete convidando quem está fora a entrar e, também, o pequeno pássaro amarelo, destaque da diegese.

Figura 2: Loja de Belchior



Fonte: Livro *Ideias de Canário*

O narrador, em consonância com as figuras presentes no livro, assim descreve o canário e a gaiola na qual ele está preso:

la a sair, quando vi uma gaiola pendurada da porta. Tão velha como o resto, para ter o mesmo aspecto de desolação geral, faltava-lhe estar vazia. Não estava vazia. Dentro pulava um canário. A cor, a animação e a

graça do passarinho davam àquele amontoado de destroços uma nota de vida e de mocidade (ASSIS, 2016, p.11).

As imagens acima reforçam o texto, tudo parecia velho, no entanto o pequeno canário se destacava naquele ambiente. Por outro lado, ainda que se destacasse naquela loja empoeirada e cheia de coisas sem utilidade, ele era preso, não somente pelas grades da gaiola, mas também pelo seu entendimento daquele pequeno espaço que para ele era um mundo. Quando o ornitólogo questiona retoricamente quem prendera aquele animal ali, o canário contesta que Macedo está equivocando, já que não se encontra preso e que o mundo é dos canários, logo o dono da loja é seu criado. O homem então espantado continua perguntando ao canário se ele não sente falta do “espaço azul e infinito” e obtém como resposta:

- Mas, caro homem, trilou o canário, que quer dizer espaço azul e infinito?
- Mas, perdão, que pensas desse mundo? Que coisa é o mundo?

O mundo, redarguiu o canário com certo ar de professor, o mundo é uma loja de belchior, com uma pequena gaiola de taquara, quadrilonga, pendente de um prego; o canário é o senhor da gaiola que habita e da loja que o cerca. Fora daí, tudo é ilusão e mentira (ASSIS, 2016, p.14).

Já na casa do ornitólogo o canário responde ao mesmo questionamento acerca de seu entendimento do mundo.

- O mundo, respondeu ele, é um jardim assaz largo com repuxo no meio, flores e arbustos, alguma grama, ar claro e um pouco de azul por cima; o canário, dono do mundo, habita uma gaiola vasta, branca e circular, donde mira o resto. Tudo mais é ilusão e mentira (ASSIS, 2016, p.22).

O canário, preso em sua gaiola, pensa ser normal o ambiente em que está inserido, entretanto apesar da aceitação de seu estado e crença de superioridade naquele mundo, o pássaro encontra-se desprovido de sua dignidade, caráter esse que os homens negam aos animais.

O fato de que os seres humanos agem de forma a negar aos animais uma existência digna parece ser uma questão de justiça, e urgente, embora tenhamos que dizer mais àqueles que negariam essa afirmação. Não há nenhuma razão óbvia para que as noções de justiça básica, direito e direito não possam ser estendidas através da barreira das espécies (NUSSBAUM, 2006, p.06).

Essa escassez de subsídios básicos como a liberdade, apesar de não ser notada pelo canário que acredita ser superior, não passa a ser menos grave. Singer (1998, p.63) salienta que:

A vida e/ou as experiências dos animais tem valor moral em função da subjetividade e/ou senciência dos mesmos. Os animais (pelo menos alguns deles) sentem, sofrem e tem estados mentais, e isso deve ser eticamente considerado. Os animais merecem respeito moral e temos obrigações éticas para com eles.

O ornitólogo que, inicialmente, mostra-se indignado pelo abandono do animal acredita que tirá-lo de uma prisão e colocá-lo em outra maior trará ao pássaro a liberdade. “Paguei-lhe o preço, mandei comprar uma gaiola vasta, circular, de madeira e arame, pintada de branco, e ordenei que a pusessem na varanda da minha casa, donde o passarinho podia ver o jardim, o repuxo e um pouco do céu azul” (ASSIS, 20016, p,18).

Figura 3: O mundo do canário na casa de Macedo



Fonte: Livro *Ideias de Canário*

Ainda que o espaço cedido ao pássaro agora fosse maior e ornado de forma mais bonita, ainda assim ele permanecia preso e com uma visão limitada do que era o mundo. E, enquanto a visão do canário limitava-se ao jardim de Macedo, o ornitólogo limitava sua visão ao pássaro, trancando-se cada dia mais apenas nessa perspectiva paranoica de estudar e entender aquele animal – “Todo eu era canário” (ASSIS, 2016, p.24). Sua total dedicação ao canário culminou em alguns dias enfermo e na oportunidade o objeto de seu estudo acabou por fugir da gaiola

“Todo eu era canário”, por meio dessa frase entendemos que Macedo se dedica totalmente a entender o pássaro, dando exclusividade e total atenção a esse estudo. Dessa forma “o narrador machadiano deixa entrever tanto a alienação provocada pelo excesso de estudos quanto uma estreita ligação entre as experiências dos dois protagonistas da história, o pássaro e o ornitólogo” (SIQUEIRA, 2009, p.73).

Passado dias sem o canário, Macedo o encontra na natureza e os dois têm o seguinte diálogo:

[...] pedi-lhe que viesse a continuar a conversação, naquele nosso mundo composto de um jardim e repuxo, varanda e gaiola branca circular...

- Que jardim? Que repuxo?

- O mundo, meu querido.

Que mundo? Tu não perdes os maus costumes de professor. O mundo, concluiu solenemente, é um espaço infinito e azul, com o sol por cima.

Indignado, retorqui-lhe que, se eu lhe desse crédito, o mundo era tudo; até já fora uma loja de belchior...

- De belchior? – trilou ele às bandeiras despregadas. – Mas há mesmo lojas de belchior? (ASSIS, 2016, p.35-36).

Na concepção de Pereira (2018) os humanos foram criados com o objetivo de tirar proveito de tudo àquilo que está ao nosso alcance, no entanto os animais não humanos estão para além da representação que designamos para eles. “[...] nós olhamos para os animais [...], mas eles também nos olham, e é disso que, segundo ele, parecem ter se esquecido as pessoas que “viram, observaram, analisaram, refletiram o animal, mas nunca se viram vistas pelo animal” (DERRIDA, 2018).

Figura 4: O encontro entre o canário e Macedo



Fonte: Livro *Ideias de Canário*

O livro, por sua vez, termina com a imagem acima que é muito significativa para a construção da narrativa, haja vistas que põe o homem no lugar que outrora foi ocupado pelo canário: as grades da gaiola, isto é, metaforicamente o aprisionamento no qual ele se permitiu estar quando fez do seu mundo, unicamente o estudo do canário. E assim querendo que o animal bem como ele se limitasse a uma prisão

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto *Ideias de Canário* teve sua primeira publicação na Gazeta de Notícias, no ano de 1895. É relevante retomar a data, pois ela ocorre mais de uma década depois da publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, romance que inaugura a

composição de um narrador machadiano ambíguo e, de certo modo, como sinaliza Schwarz (2004), sem confiança. No conto analisado, essa perspectiva dá margem a sátira a questão humana, no entanto nos faz questionar também a problemática animal.

Em *Ideias de Canário*, Machado de Assis cujo texto ganha um caráter ainda mais atual com as ilustrações de Geiger, evidencia uma metáfora para o aprisionamento intelectual, mas concomitante a isso ele evidencia também a, aparente, normalidade do aprisionamento de animais, a exemplo do conto, o canário. Essa naturalização, por sua vez, do animal estar preso, tem sua origem na serventia para o homem. Para tanto, Nussbaum (2006) salienta acerca da dignidade animal e desta não ser subserviente ao homem, mas ser igualitária.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. **Ideias de Canário**. João Pessoa: Mundial Edições, 2016.

BRAGA, E.F. Literatura e Ecologia. In: BRAGA, E.F. **Literatura e ecologia: A pentalogia** La guerra silenciosa de Manuel Scorza. São Carlos: Pedro& João Editores, 2012.

BORA, S.S.M. Capability approach theory e a dignidade dos animais não humanos: estabelecendo um novo marco ético dos direitos dos animais. In: BORA, Z.M.; BRAGA, E.F.

Congresso Internacional de Literatura e Ecocrítica - Diálogos ecocêntricos: arte, cultura e justiça, 2017. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Oficina da Leitura, 2017. 417p

DERRIDA J. La dissémination *apud* PRIKLADNICKI, F. **Relendo o animal, da metáfora domesticada à alteridade radical**. Disponível em: < http://www.abralic.org.br/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/043/FABIO_PRIKLADNIC_KI.pdf >. Acesso em: 30 maio. 2023

HARVEY, D. Responsibilities towards nature and human nature. In: HARVEY, D. **Spaces of hope**. Edinburg UP, 2000. p. 213-233.

LOURENÇO, D. B. **Direitos dos animais:** fundamentação e novas perspectivas. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris. 2008, p.490 e ss.

MARABSCHIN, C. **O direito dos animais e o judiciário.** Disponível em: <http://submissoes.al.rs.gov.br/index.php/estudos_legislativos/article/view/20/33>. Acesso em 15 maio. 2023

NUSSBAUM, Martha. Human capabilities, female human beings, in **Women, culture and development:** a study of human capabilities. Martha C. Nussbaum and Jonathan Glover (eds.), Clarendon Press: Oxford. 2006.

PEREIRA, R.S. **A dignidade da vida dos animais não-humanos:** Uma fuga do antropocentrismo jurídico. Disponível em: <http://www.ecoagencia.com.br/documentos/dignidadeanimais.PDF>. Acesso em 2 de junho de 2023.

RICONI, A.; GONÇALVES, D.S. Diálogos ecocríticos: uma análise literária da relação entre o sujeito e o espaço em *opúsculos morais*. In III CONGRESSO INTERNACIONAL DE LITERATURA E ECOCRÍTICA - **Diálogos ecocêntricos: arte, cultura e justiça**, 2017. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Oficina da Leitura, 2017. 417p

SCHWARZ, Roberto. **A viravolta machadiana.** Novos Estudos Cebrap. Nº 69, São Paulo, julho, 2004, p. 15-34

SINGER, P. **Ética prática.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 19-20. 46 Ibid, p. 63.

SIQUEIRA, C.M. Machado de Assis, autor do Mito da Caverna, **Aletría**, nº especial, 2009.OSÓRIO, Alda Maria do Nascimento. **A transformação da educação escolar e sua influência na sociedade contemporânea.** InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v.13, n.26, p.92-115,jul./dez. 2007